

**Imagens visual e escrita:  
Algumas reflexões sobre a utilização do termo tapuia na cidade de Belém no final do  
século XIX e início do século XX**

Rosa Claudia Cerqueira Pereira<sup>1</sup>

Este estudo analisa o “retrato” de uma tapuia divulgada, no início do século XX, em um encarte especial da *Revista da Semana*<sup>2</sup>, na qual o governo do Estado fazia propaganda sobre a cidade de Belém. As características desse delicado retrato não coincidem com as descrições mais usuais sobre os mestiços na Amazônia, a qual normalmente aparece como símbolo da falta de civilidade e cultura européia, tal como, nas imagens dos tapuios feitas por José Veríssimo<sup>3</sup> no ensaio “*As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia: Sua linguagem, suas crenças e seus costumes*”.<sup>4</sup>



A presente imagem faz parte da propaganda do governo e mostra uma *tapuia* com aspectos “civilização européia”. A partir dessas condições, pretende-se analisar o texto visual, confrontando-o com as descrições feitas na literatura de José Veríssimo que, em seus artigos, apresenta o *tapuio* com características bem diferentes daquelas divulgadas pelo governo.

Há de se questionar, o que pretendia o governo ao divulgar uma imagem representando o modelo da

população da região amazônica com perfil bem diferente das características usuais dos tapuias? Este questionamento nos leva a pensar que a política de propaganda governamental, da época, tinha por objetivo atrair imigrantes europeus e, para isto, apresenta um retrato, demonstrando uma imagem com traços culturais semelhantes aos de uma população a européia.

Pode-se entender, também, que o aspecto físico da *tapuia* ilustrada, apresenta as características semelhantes aos *mamelucos*<sup>5</sup>, isto não corresponde à imagem visual tapuia destacada por Veríssimo. Essa imagem, talvez, seja proveniente de modelos de origem

européia apresentados por pintores da época<sup>6</sup>, prática comum entre eles que forneciam imagens prontas para serem escolhidas de acordo com o interesse do encomendador.

A imagem europeizada da *tapuia*, representando as mulheres paraenses, encontra-se inserida em uma reportagem especial sobre o Pará, referindo-se, especialmente, a cidade de Belém, sem contudo, haver qualquer referência no texto escrito.

A autoria deste retrato está relacionada ao pintor Artur Lucas<sup>7</sup>, sob o pseudônimo de *Bambino*, começou a aparecer em 1890, nas páginas do *Mequetrefe* do Rio de Janeiro, colaborando sucessivamente em *Rio-Revista*, *Galáxia*, *A Bruxa*, *A Semana Ilustrada*, *Mercúrio*, *Jornal do Brasil* e, de 1900 a 1911, na *Revista da Semana*.

A *Revista da Semana*, que era de circulação nacional, fazia parte de uma política de propaganda governamental, a qual enaltecia o potencial de desenvolvimento do Estado e a beleza de sua capital, tentando, através dessas imagens, influenciar política e culturalmente as sociedades contemporâneas, com uma visão de modernidade, produção e consumo.

Identificando os aspectos do *tapuio* no texto visual e no texto escrito, verifica-se que foram utilizados por diversos meios de divulgação, ora por uma revista ora pela literatura. Apesar de não terem sido criados no mesmo período, provavelmente, os textos, visual e escrito, apresentam uma imagem distinta para atingir diferentes públicos, dependendo de quem fosse o destinatário. Com esse intuito procurou-se rastrear uma imagem que pudesse esclarecer o uso do termo *tapuia* na revista e compreender uma das formas de definir um *tapuio*, conforme o intelectual paraense.

José Veríssimo discute o processo de mestiçagem, representando a nova face da sociedade do futuro. Diante desse quadro, ele contextualiza o Brasil no *hall* dos países da América como difusor do cruzamento racial, exaltando a Região Amazônica como um espaço patente desse fato.<sup>8</sup>

De modo geral, os ensaios de José Veríssimo revelam um autor envolvido pela Amazônia, local onde nascera e realizara seus primeiros trabalhos. Há neles a representação de uma Amazônia repleta de desajustes econômicos, sociais e culturais, por influência dos colonizadores e governantes.

Esses artigos devem ser lidos e compreendidos dentro desse estado de espírito em que foram produzidos. Suas análises, suas reflexões, suas críticas, suas afirmações, são em conseqüências, frutos de um estado de alma a indicar o ser afeiçoado à terra e o que ela representa como espaço e como perspectiva de ação heróica de uma humanidade decidida a triunfar.

A ação do autor, como mentor do movimento intelectual paraense, foi considerada uma das mais importante e produtiva, cujos trabalhos de crítica poderiam ser colocados em nível dos escritos dos mais audaciosos pensadores da época. Em suas obras, José Veríssimo retrata a estonteante magnificência do cenário amazônico, nas quais ele não pretendia apenas informar sobre a realidade da região, mas, sobretudo, apresentar um manual que revelasse o cotidiano dos grupos sociais descendentes diretos ou indiretamente dos índios no Pará do final do século XIX. Ele pretendia demonstrar a maneira como as sociabilidades eram construídas na sociedade desse período e, em outra medida, consiste em um relato das aspirações e desejos de um intelectual que se julgava comprometido em civilizar seus leitores.

Ao ler Veríssimo com o olhar atento para as características do processo de miscigenação, verifica-se que através da imagem visual de uma **tapuia** pode-se traçar uma intersecção em que se vislumbram novos ângulos no uso desse termo. Nesse sentido, na concepção do autor, *tapuio*<sup>9</sup> significa índios destribalizados que viviam em aldeamentos, em estágio de semi-civilização, o que os diferenciam dos demais grupos indígenas ainda não descaracterizados.

Segundo José Veríssimo, o *tapuio* “não é nem o índio puro, o brasílio-guarani, nem o seu descendente em cruzamento com o branco, o mameluco” mas aqueles representantes da “população que habita as margens do grande rio e dos numerosos afluentes...” e que contribui para a receita do Estado nas suas atividades<sup>10</sup>.

Portanto, ele procura verificar a origem da palavra *tapuio*, para que se possa compreender o seu uso e apresentar o real sentido da palavra, que na língua tupi-guarani, o termo *tapuio*<sup>11</sup> expressa “uma denominação genérica do desprezo que se davam entre si”,

assim, “como o *bárbaro* era para os romanos”, significando “os indivíduos de outras tribos”, e que simbolizava “não só o hostil, o inimigo, mas também o escravo”<sup>12</sup>.

Desta forma, a denominação *tapuio* passou a fazer parte do nosso vocabulário, designando todo o indivíduo descendente de índio e, muitas vezes, sendo empregado com menosprezo para os mamelucos.<sup>13</sup> Assim, as referências aos tapuios feitas por outros autores não se diferenciaram muito em relação a definição apresentada na literatura de José Veríssimo.

Para este autor, o *tapuio* foi forçado a adquirir novos costumes, crenças, ideias, língua, que eram inteiramente diversos dos seus, passando a fazer parte de uma outra sociedade “civilizada” que aos poucos foi perdendo o caráter de “selvagem”, modificando, não só o aspecto físico, mas também as características morais<sup>14</sup>

Diante do século XIX para o Xx, percebemos que em estudos antropológicos o tapuio é revisto. Para John Manuel Monteiro, “o *tapuio* representava pouco mais que a antítese da sociedade tupi, sendo, portanto, projetada em termos negativos”<sup>15</sup>. Para este pesquisador, desde o século XVII, os tapuios trabalhavam para os brancos em atividades agrícolas, na coleta de drogas do sertão e no trabalho braçal das cidades e vilas. Viviam nos aldeamentos das missões, ou nas proximidades do centro urbano, não eram considerados como membros de uma comunidade indígena autónoma e nem estavam integrados à vida urbana. Este convívio pode ter incutido e cristalizado a aceitação desta identidade genérica, que é ressaltada por Veríssimo.

Desta forma, tapuio era expressão de uma sucessão de discriminações e desajustamentos sociais que nem os situavam na condição de índios, nem tampouco de não-índios, uma ambivalência que suscitava a irônica descrença por parte de quem o ameaçava. Portanto, o termo “*tapuio*” é uma referência genérica aos índios que foram forçados a abandonar as suas aldeias e não o nome de uma nação indígena.

Segundo José Veríssimo, um estágio de progresso foi interrompido no momento em que os europeus foram estabelecendo contatos com os índios. Ele faz um histórico sobre o gentio do Brasil, no qual relata que o índio teria “*uma vida perfeita em relação ao resto das tribos esparsa pelo nosso extenso interior ou mesmo do que os seus descententes atuais*”<sup>16</sup>, se os

tipos de pessoas que foram enviadas para o Brasil, provenientes de Portugal, não fossem o refugio desta sociedade, pois, “...os *criminosos de degrêdo eram os imigrantes forçados, e atrás deles vinham os aventureiros audazes e ávidos, que na sua ignorância julgavam que a região do Amazonas abundava em ouro*”. Por isso, na terra conquistada, seria natural que os “selvagens” fossem escravizados.<sup>17</sup>

A intervenção dos povos proveniente da Europa, trazendo vícios e condutas desconhecidas passaram a fazer parte do cotidiano dos indígenas, Isto os levou a um abatimento moral lastimoso. Os elementos, segundo o autor em análise, que contribuíram para que os índios se tornassem pessoas degeneradas, dissimuladas e sem interesse pela nova civilização, foram as perseguições do colonizador através da “catequese” e dos incentivos aos conflitos entre tribos. Tudo isto, fez com que os índios odiassem essa civilização ou se interessassem, apenas, pelos vícios dos europeus como a bebedice, o roubo e a hipocrisia.<sup>18</sup>

Diante desse quadro, alguns viajantes, que escreveram relatos sobre a Amazônia, procuraram destacar apenas um espaço exótico e quando faziam referência a presença do homem descreviam-no como um ser incapaz para o sucesso do progresso. Agassiz<sup>19</sup>, um desses viajantes, interpretou que a falta de interesse pelas coisas mínimas da vida estava no sangue daquela gente sem ideais e sem sentido prático da existência, faltando-lhes qualidades morais e a inteligência criadora. Eles eram assim porque era gente mestiça e os consideravam abaixo de qualquer representante da espécie animal.

José Veríssimo não pensava assim, mas ao contrário, dizia que a situação decadente dos mestiços da Amazônia explicava-se em função do estado de abandono em que se encontravam pela ausência de políticas públicas, pelas condições sociais, políticas e religiosas em que foram submetidos<sup>20</sup>.

Nesse sentido, através da educação seria possível superar os males das populações mestiças, cuja grande parte encontrava-se em condições precárias, sobrevivendo da extração de produtos como a castanha ou o látex. A questão da educação seria a chave mestra para a civilização, pois, não bastaria produzir borracha, mas também, seria necessário gerar novos

conhecimento e idéias, visto que a mestiçagem nunca foi um problema da civilidade brasileira.

21

O autor paraense procurou entender o comportamento dos *tapuias* e dos *mamelucos*, baseando-se na lei da hereditariedade e a partir da qual, afirmava que os grandes sofrimentos transmitiam-se de pais para filhos e que influenciavam o caráter das outras gerações<sup>22</sup>. Portanto, tudo era reflexo das angústias das gerações anteriores que se apresentava sob forma de tristeza e indiferença, assim *“vivem sob uma espécie de fatalismo inconsciente, e falece-lhes a ambição de tentar sequer sair desse estado.”*<sup>23</sup>

Afirmava Veríssimo, que o fato deles não estarem num estágio avançado da civilização era em função da influência da natureza exuberante, que nada lhe permitia faltar com o mínimo esforço físico. A abundância de alimentos provenientes dos rios ou mesmo da floresta repleta de caça e a terra adequada para tirar tudo o que precisa para a sua sobrevivência leva a crer que a ausência de trabalho não estar relacionado à preguiça, mas, possivelmente, ao desprezo que eles sentiam pelos bens materiais.

Além disso, as condições sociais em que se operou os cruzamentos, entre índios e colonizadores, influenciaram no abatimento em que se encontravam tapuios e mamelucos, porque esse processo interétnico não foi acompanhado por uma ação educacional capaz de adaptar essa nova realidade cultural, pois não era objetivo educar uma “raça selvagem, e prepara-la para o evento da civilização”.<sup>24</sup>

Veríssimo acreditava que seria possível mudar, através de um processo educacional, o comportamento das pessoas consideradas não civilizadas. Ele tinha um modelo de civilização, no qual se percebe uma preocupação em proporcionar mudanças de comportamentos que fossem adequados ao progresso. Porém, a péssima situação do ensino, com um professorado desrespeitado em seus direitos, esquecidos dos seus deveres, pouco habilitados ao ofício, torna-os, inaptos para executar qualquer programa de mudanças que pudesse alcançar o grau de civilidade desejada; uma escola em estado desorganizado com um ensino público em plena decadência material e moral, não possibilitavam as transformações, por isso, quis reformar a legislação vigente para combater os vícios e os hábitos perniciosos.

Veríssimo propõe um modelo de civilidade em que a miscigenação representa um novo caminho para a civilização e considera que o continente americano é esse local de miscigenação entre “as diversas raças e gentes do globo”. Desta maneira, passa a ser o espaço de “cruzamento de todas elas”, constituindo-se uma “unidade étnica à humanidade”.<sup>25</sup>

O autor concebe que a região Amazônica apresentava os indícios desse processo de miscigenação, no entanto, entendia que a população mestiça, fruto da relação entre brancos e indígenas, tinha a mesma ou superior capacidade das outras populações não mestiças. Ele acredita que “para se compreender perfeitamente o espírito de um povo é necessário estudar os diferentes elementos que o compõem [...] É do estudo bem feito dos elementos étnicos e históricos de que se compõem o Brasil (...)”<sup>26</sup>.

Podemos observar que a participação de José Veríssimo incisiva nos movimentos econômico, cultural e social, criava uma expectativa de vida cheia de esperança e de uma realidade enriquecedora, dentro do contexto do *rush* da borracha, afirmando a necessidade de que, junto com a educação, as autoridades locais deveriam investir no povoamento para que se pudesse ter, na região, o indispensável desenvolvimento econômico, social e cultural das populações locais.

A “educação e povoamento constituiriam, portanto, as bases para o aprimoramento das raças cruzadas da Amazônia, possibilitando-lhes sair do seu estado de letargia e abatimento”<sup>27</sup>, visto que os tapuios e mamelucos apresentavam-se num nível intelectual “superior ao do índio puro”<sup>28</sup>, o que permitiria um possível caminho para o desenvolvimento econômico e intelectual para alcançar a civilidade da população da região Amazônica.

Considerando esse momento de reflexão, pode se verificar que as modificações urbanas por que passou a cidade de Belém no final do século XIX e início do século XX, têm haver com uma idéia projetada por José Veríssimo, de forma que a população do norte alcançasse um grau de civilidade. Contudo, Veríssimo oferece as circunstâncias para se chegar a esse modelo de civilidade em que “todos” desejavam refletir uma imagem que representasse o progresso, o ordenado e o moderno.

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Social da Amazônia - UFPA

<sup>2</sup> Esta revista foi fundada em 1901, no Rio de Janeiro, trazia notícias, editoriais, comentários, um pouco de literatura, uma seção intitulada “Cartas de Mulher”, com uma espécie de crônica, “Jornal das Famílias” com moda, beleza, trabalhos manuais etc. Foi considerado o melhor produto do gênero, por algumas décadas, revista esta que divulga e propõe receitas para seguir a beleza, o moderno e o higiênico. O encarte foi publicado no dia 20 de setembro de 1908.

<sup>3</sup> José Veríssimo iniciou a sua produção intelectual na cidade de Belém, trabalhando como colaborador no jornal *Liberal do Pará* e a seguir, no *Diário do Grão Pará*. Em 1879, fundou a *Gazeta do Norte*, jornal trimestral que teve duração efêmera. Em 1883, José Veríssimo colaborou nos jornais: *Província do Pará*, *Comércio do Pará* e *República*. Fundou neste mesmo ano a *Revista Amazônica*.

<sup>4</sup> VERÍSSIMO, José. “As Populações indígenas e mestiças da Amazônia”. In: VERÍSSIMO, José. **Estudos Amazônicos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970. p.9-87

<sup>5</sup> Para Veríssimo, os *amamelucos* variavam conforme o seu grau de cruzamento. Na primeira geração entre brancos e índios, são conhecidos como *curibocas*. No segundo e terceiro grau, é considerado o verdadeiro *mameluco* (curiboca e branco) com as características de: cor parda (de canela) que alcança todos os tons; olhos menos oblíquos e mais vivos; lábios finos; seios duros, colos belíssimos nas mulheres; cabelos negros, ainda grossos, mas já algumas vezes ligeiramente ondulados.

<sup>6</sup> Os pintores da época destacado na referida revista são: Francisco Estrada, Maurice Blaise (estrangeiros); Carlos Azevedo, Theodoro Braga, Lopes Pereira, Escobar de Almeida e Julieta França (paraenses); Roberto Colin (Maranhense); Irineu de Souza e José Girard (cearenses); Libanio Amaral (Pernambucano)

<sup>7</sup> **Artur Lucas** (?-1929). Nascido e falecido no Rio de Janeiro. cursou a Academia Imperial de Belas-Artes, e como pintor cultivou a figura, que executava a óleo ou a pastel com sensibilidade e expressão. Pintor, se tornou caricaturista, porque o gênero lhe garantia a subsistência. Por outro lado, sob o pseudônimo de *W. Taylor* fez ilustrações para a edição brasileira dos romances de Conan Doyle em torno do personagem Sherlock Holmes. Para o fim da vida, tendo sofrido um derrame e quase incapacitado de pintar ou desenhar, diminuiu grandemente sua atividade artística, se bem que ainda em 1926 tomasse parte na Exposição dos Cinco, efetuada no Rio de Janeiro exatamente com a finalidade de lhe angariar recursos.

<sup>8</sup> VERÍSSIMO, Op cit, p. 11.

<sup>9</sup> José Veríssimo descreve o tapuio no ensaio “*As Populações indígenas e mestiças da Amazônia*” com as seguintes características: estatura baixa, o corpo grosso e sólido, cor carregada de canela ou tomo de uma moeda de cobre em meio uso; nariz chato e largo nas extremidades; testa curta; cabelos pretos, grossos, lisos e duros; mãos e pés pequenos; dedos curtos e grossos, lábios grossos (menos do que nos africanos, todavia) e roxos; dentes pequenos e alvos, seios moles e cadeiras desenvolvidas nas mulheres, olhos ligeiramente oblíquos, quase horizontais, pretos, fixos, mortos; orelhas pequenas e abertas.

<sup>10</sup> VERÍSSIMO, Op cit, p.14

<sup>11</sup> *tapúia*, **y** é igual ao **u** em francês na pronuncia

<sup>12</sup> VERÍSSIMO, Op cit, p.14

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> MONTEIRO, John Manuel. **Negros da Terra: Índios e Bandeirantes nas Origens de São paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 20.

<sup>16</sup> VERÍSSIMO, Op. Cit., p. 16

<sup>17</sup> *Ibid*, p. 17

<sup>18</sup> *Ibid*, p.17

<sup>19</sup> Viajante que Veríssimo baseia-se para criticar a concepção negativa da miscigenação.

<sup>20</sup> VERÍSSIMO, Op. Cit. p.85

<sup>21</sup> PRISCO, Op. Cit., p. 19

<sup>22</sup> *Ibid*, p.22

<sup>23</sup> *Ibid*, p.21

<sup>24</sup> *Ibid*, p.19

<sup>25</sup> *Ibid*, p.11.



---

<sup>26</sup> Cf. PRISCO, Francisco. **José Veríssimo**: Sua vida e suas obras. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1937, In: Estudo Brasileiros, vol. I, p. 13 p 130-131

<sup>27</sup> MAIA, Bezerra Neto. Os Males de Nossa Origem: O Passado Colonial Através de José Veríssimo. In: BEZERRA NETO, José Maia (org.) **Terra Matura: Historiografia e História Social na Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 60.

<sup>28</sup> VERÍSSIMO, Op. Cit. p. 22